

Nova caça às bruxas: demonização e exorcismos na igreja universal do reino de Deus

New hunting to witches: demonization and exorcisms in universal church of god's kingdom

Júlio César Tavares Dias¹

Resumo: As Caças às Bruxas é um episódio histórico marcado pela intolerância religiosa e violência. A Igreja Universal tem promovido algo semelhante a uma caça às bruxas, pois uma de suas características é a intolerância com que trata as religiões de matriz africana. A intolerância religiosa não é algo novo no campo religioso brasileiro, mas chama a atenção o fato de uma instituição tê-la como elemento principal da construção de sua identidade. Esta comunicação parte da observação semi-participativa realizada nas reuniões da Catedral da Fé de Recife. Aqui buscamos refletir sobre os motivos e o papel do ritual de exorcismo nessas reuniões. Nossas reflexões estão norteadas pelo conceito de magia de Marcel Mauss e o de demonização de Pedro Oro.

Palavras-chave: neopentecostalismo, possessão, intolerância religiosa.

Abstract: 'Hunting to Witches' is an historic episode marked by religious intolerance and violence. Universal Church has promoted similar something to 'hunting to Witches', because its mark is the intolerance directed to afro religions. Religious intolerance is not new in Brazilian religious camp, however the fact of an institution construct itself based in its (intolerance) reclaim attention. This paper start of my semi participative observation in meetings of Cathedral of Faith in Recife. We reflect starting the concept of magic in Marcel Mauss and the concept of demonization in Pedro Oro.

Artigo recebido em: 03 de fev. de 2018
Aprovado em: 20 de dez. 2021

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Key Words: new pentecostalism, possession, religious intolerance.

Introdução

O termo Caça às Bruxas refere-se a uma série de perseguições de início no século XV, cujo apogeu foram os séculos XVI e XVII. As perseguições ocorreram em vários países da cristandade, mas principalmente na Suíça, Inglaterra e Alemanha. Há estimativas que houve um total de 50 mil vítimas. Filmes como “As Bruxas de Salém” (2003) e “O Caçador de Bruxas” (1968) retratam esse período mostrando como no auge da histeria coletiva qualquer pessoa podia ser acusada como bruxa e mesmo ser condenada por isso. Consideramos a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) como um movimento de nova caça às bruxas, porque como a consequência das caças às bruxas longínquas no tempo foi o povo culpar as supostas bruxas por toda circunstância adversa em que vivesse, a prática de exorcismo da IURD leva a culpar demônios por problemas sociais, alienando o povo para suas reais causas. No entanto, nessa nova caça às bruxas não são mais as antigas religiões pagãs que são estigmatizadas, mas as religiões afro-brasileiras. O Bispo Macedo, líder maior da instituição, afirma categoricamente: “temos que sair da mera pregação carismática [...] para pregação plena [...] que Jesus Cristo salva, batiza com o Espírito Santo, mas também e antes de tudo, que liberta as pessoas que estão oprimidas pelo diabo”². Assim, pelas palavras do Bispo, uma nova temporada de caça está aberta.

1. Demônios tão antigos no mundo tão moderno

O bispo Macedo (2000, p.7) acredita que “vivemos em plena era do demonismo”. Bem, podemos dizer que o diabo é mesmo uma figura bem popular, aparecendo em filmes de grande bilheteria e sucesso, como foi o caso do filme “O Exorcismo de Emily Rose” (2005) e “O Exorcista – o início” (2004), para citar só os mais recentes. Podemos mesmo concordar dizendo que *O diabo é pop*, título que João Ximenes Braga deu a uma de suas reportagens ao jornal O Globo (3/1/2001), aliás, se concordarmos com Raul Seixas “enquanto Freud explica as coisas/ o Diabo fica dando uns toques/ o Diabo é o pai do rock” (Rock do Diabo). Já Zeca Baleiro canta: “O cara mais underground que eu conheço é o Diabo” (Heavy Metal do

² *apud* ANTONIAZZI, 1994: p. 137

Senhor). Mas qual é a razão pela qual uma figura tão antiga está tão presente em nossos dias? No filme “O Advogado do Diabo” (1997), o personagem interpretado por Al Pacino afirma: “O século XX foi todo meu”. Para Luther Link, professor da Universidade de Aoyama Gakuin, em Tóquio, autor de “O Diabo — a máscara sem rosto” (citado à epígrafe na reportagem):

O diabo é presente agora pela mesma razão que o foi por séculos. Explicar o mal, casos como o de uma criança que mata outra, é uma dor de cabeça que ninguém quer. Talvez falar que o criminoso teve uma infância difícil seja uma resposta mais comum hoje, mas para a Igreja e todos nós, o diabo ainda é a explicação mais fácil. (BRAGA, 2001, p. 3).

A teologia liberal negou ao diabo qualquer prestígio, encarando-o como uma mera forma de falar, uma metáfora. Num dos filmes da série *Hellraiser* (*Hellraiser III – Hell on Earth* (1992)), uma das personagens entra na igreja correndo e busca a ajuda do padre dizendo está sendo perseguida por demônios. O padre responde que ela se acalmasse que os demônios são apenas uma metáfora. A essa altura a igreja é invadida por um vento forte e os vitrais se quebram. Ela responde ao padre: “Explique isso para ele”. Essa cena mostra como, a despeito das posições da igreja e da teologia, as pessoas continuaram a acreditar no Diabo, só que agora estavam órfãos contra ele, pois não podiam contar com a igreja. É nesse contexto que os neopentecostais reavivam a luta contra o Diabo. Se pensarmos a partir do conceito de “sagrado selvagem”³ de Roger Bastide, podemos entender o sucesso de igrejas como a IURD por algumas pessoas sentirem que suas próprias religiões ficaram “frias”, não podendo mais lhes dar as respostas necessárias. As palavras do teólogo Faustino Teixeira fazem eco ao nosso pensamento aqui:

Como a teologia católica deixou de se interessar pela questão, ela ressurgiu nas religiões periféricas. Pois as pessoas se vêem perplexas diante da realidade complexa do mal que se afirma na crise

³ Esse é o título de um artigo de Bastide e também da coletânea de artigos publicada em 1975. O “sagrado selvagem” escapa ao cerceio das instituições religiosas, e se espalha pelas artes, pelo mundo onírico, está presente nas revoluções e nas modernas mitologias.

econômica, na ausência de perspectiva, nas frustrações psicológicas.⁴

2. Nas profundezas do diabo

Demônios são figuras presentes em várias tradições religiosas. Com o termo ‘diabo’ ou ‘demônio’, do grego ‘daimon’ ou ‘daimonion’, designa-se na tradição cristã os seres espirituais que vivem em hostilidade à Deus; anjos rebeldes que não podendo lutar contra Deus se voltam contra os seres humanos. “A mente deles é permanentemente oposta a Deus, ao bem, à verdade, ao Reino de Cristo, e ao bem-estar dos seres humanos”⁵ Para uma tradição antiga, o motivo da rebelião dos anjos teria sido ciúme da nova criatura que Deus criara: o homem. Convém notar que a representação do diabo não é unívoca entre os cristãos de hoje nem na tradição cristã, mas essa figura foi sendo construída culturalmente conforme certos anseios, circunstâncias e necessidades de cada época. Na própria Bíblia o diabo não é uma personagem que nasce pronta, antes só vem ganhar muitos de seus contornos no Novo Testamento. Sua mais antiga aparição é no livro de Jó, mais antigo livro da Bíblia embora não o seja na ordem que temos nas bíblias de hoje⁶. Nesse livro o diabo aparece na corte celestial com o claro objetivo de fazer com que Jó negue ao seu Deus. Quando questionado por Deus sobre de onde vinha responde: “De rodear a terra e passear por ela”⁷, ou seja, seu trabalho é contínuo e sem descanso. No Novo Testamento o diabo torna-se um personagem mais ativo e de mais frequentes aparições, pelo menos nos evangelhos. Uma explicação para esse fato da ordem da história da salvação seria: a vinda de Cristo a terra para instaurar o Reino de Deus seria o grande evento da história da humanidade e do plano de

4. *apud* BRAGA, 2001, p. 3

⁵ nota da Bíblia de Estudo de Genebra (BEG), p. 238

⁶ Os livros da Bíblia não foram organizados conforme sua ordem cronológica. Foi-lhe dada, na verdade, uma ordem diferente na Bíblia Hebraica e na Bíblia Grega (Septuaginta) da que temos hoje.

⁷ Livro de Jó 1.7. O nome que é dado ao diabo nesse livro é “Satanás”, que significa ‘adversário’, e é exatamente assim que ele aparece no livro de Jó. Já o termo ‘diabo’ significa acusador, pois ele acusa os cristãos de dia e de noite perante o trono de Deus (Ap. 12.9-10). O diabo também é na Bíblia chamado de tentador (Mt 4.3), *Apoliom*, o destruidor (Ap. 9.11), Maligno (1 Jo 5.18-19), ‘príncipe deste mundo’ (Jo 12.31), ‘deus deste século’ (2 Co 4.4), e ‘pai da mentira’ (Jo 8.44).

Deus, o diabo estaria, então, com todo seu exército e arsenal numa batalha cujo objetivo era impedir Jesus Cristo de chegar à cruz e consumir sua obra em prol da salvação do homem. Após esse momento, a figura do diabo e de seus demônios aparece poucas vezes e recebe pouca atenção e importância da parte dos escritores sacros. Não há, pois, bom senso que justifique a ênfase dada a essa figura por cultos religiosos hodiernos, como é o caso da IURD.

Sendo assim, o exorcismo iurdiano só é justificado como um movimento de busca de legitimação, mas sua legitimação só é possível a partir da legitimação de seus inimigos:

(...) entra no mundo e usa as mesmas armas que o Diabo possui para combatê-lo. (...) Curiosamente, neste mesmo processo de demonização, combate e destruição, a IURD também legitima todas as outras religiões com que estabelece guerra santa... Além de legitimá-las, também se apropria em seus ritos, de aspectos destas mesmas religiões. Ela absorve estes aspectos e os incorpora no seu dia-a-dia, o que é facilmente percebido através dos seus discursos e das suas práticas por meio dos seus membros, obreiros e pastores. (BONFATTI *apud* FERRARI, 2007, p. 111).

Entendemos, como Oro⁸, que a *demonologia* iurdiana engloba dois movimentos: o primeiro de reafirmação das concepções do demônio próprias da história do cristianismo (ou seja, um movimento interno à tradição cristã), o segundo é a identificação das forças maléficas com elementos de outras religiões, principalmente com o panteão afro (ou seja, um movimento que ‘salta’ da tradição cristã ao encontro do que Bittencourt Filho chamou de ‘matriz religiosa brasileira’).

3. Exorcismos na catedral da fé: a nova caça às bruxas

Não são só os neopentecostais que lançam mão do ritual de exorcismo, diversas tradições cristãs fazem o mesmo. No entanto, segundo Roberto da Mota (*apud* LEITÃO, p. 3), “Nas igrejas históricas, são muito poucos. Os católicos carismáticos também gostam da prática, mas no catolicismo oficial são raros e só podem ser praticados com licença do bispo”. Os exorcismos existem no Cristianismo desde os tempos de Jesus, que não somente expulsou demônios, mas também “dotou os doze apóstolos e os setenta para

⁸ 2005, p. 135

expulsar demônios em seu nome (...) e o ministério do exorcismo continua a ser uma eventual necessidade pastoral”.⁹

Temos realizado nossa pesquisa de campo na Catedral da Fé de Pernambuco, situada na cidade de Recife, à Avenida Cruz Cabugá, 144, bairro de Santo Amaro, próximo ao Parque 13 de Maio, pois esse templo é o principal do estado de Pernambuco. O templo é amplo e sua construção foi pensada para aludir à Arca de Noé¹⁰. Assim, vemos que diferente dos templos protestantes em geral, onde o uso de símbolos no templo é escasso, a IURD lança mão de símbolos, como o candelabro presente no altar. Espalhado em vários lugares do templo estão cartazes alertando para o fato de que não se pode gravar, filmar ou tirar fotos do interior do templo.

“A Catedral da Fé, em Recife (PE), possui um terreno de 8.400 m² que, somado às edificações, totaliza 15.700 m² de área construída. O templo foi inaugurado em 2005 e tem capacidade para 4.800 pessoas. A Igreja possui o maior auditório do estado de Pernambuco. A arquitetura diferenciada¹¹ rende ao templo a condição de cartão postal da cidade. O ambiente é climatizado e decorado. A construção engloba seis pavimentos, compostos pela nave principal, prédios administrativos, estúdios de tevê e rádio.”¹²

Há estacionamento para 300 carros. Enquanto o estacionamento fica no térreo, no primeiro andar está o auditório, sempre guardado por seguranças. No segundo andar fica o Salão Nobre (uma sala de reunião semelhante ao interior do templo) e no terceiro a EBI (Escola Bíblica Infantil). A data exata da inauguração do templo é 10/04/2005.¹³

⁹⁹ nota da Bíblia de Estudo de Genebra (BEG), p.238

¹⁰ Conforme o relato bíblico, em um tempo em que os homens eram extremamente maus, Noé agradou a Deus e por isso Deus resolveu poupá-lo e a sua família do dilúvio orientando-o para que construísse uma arca através da qual ele e sua família seriam salvos para o recomeço da humanidade (cf. Gn. 6 e 7). Assumindo o formato da Arca no seu templo, a IURD parece querer a hegemonia do campo religioso, atualizando o *extra ecclesiam nulla salus*.

¹¹ Gideon de Alencar na obra ‘Protestantismo Tupiniquim’, criticava a ausência de uma arquitetura própria do Protestantismo brasileiro. A IURD mostra-nos que se pode pensar uma arquitetura neopentecostal, pois se muitas igrejas surgiram como “portas de garagem”, aprenderam a importância do espaço arquitetônico para seus rituais.

¹²<http://folha.arcauniversal.com.br/integra.jsp?codcanal=984&cod=128523&edicao=830>

¹³ (<http://iurdafogadosrecifepe.blogspot.com/2010/04/catedral-da-fe-do-recife-pe.html>).



Figura 1: Visão frontal e superior da Catedral da fé (Blog da igreja)

Interessante notar que nessa avenida encontramos imensos templos evangélicos, tendo a Catedral da Fé um templo também imenso da Assembleia de Deus ao seu lado direito e o templo da Igreja Internacional da Graça de Deus ao seu lado esquerdo. Para o Bispo Macedo é muito importante a construção desses imensos templos que ele chama de catedrais:

O objetivo (de construir catedrais) é abrir a cabeça do pobre que dá oferta. Na sua casa, ele senta no sofá rasgado ou até no chão. Na igreja ele é honrado. [...] Eu quero mostrar que ele é capaz de conquistar coisas grandes, uma vida melhor.¹⁴

É por pensar assim que está sendo construída a réplica do Templo de Salomão.¹⁵

Como se sabe a IURD vive a teologia da Guerra Espiritual, acreditando no mundo como o terreno onde forças espirituais lutam. O projeto de Deus para o homem é vida plena, mas a atuação dos demônios frustra esse plano. Para confirmar essa forma de pensar, pastores citam com frequência as palavras de Jesus: “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e vida em abundância”. Assim temos nos rituais iurdianos instituída a ‘causalidade mágica’:

¹⁴ *O Bispo*, 2007, p. 208, 211

¹⁵ Pode-se ver a notícia detalhada sobre a construção do dito templo no endereço:

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100722/not_imp584551.o.php Já em <http://www.pulpitocristao.com/2010/07/igreja-universal-construira-replica-do.html> pode-se assistir um vídeo onde o Bispo dá detalhes sobre a construção do Templo.

Rege essa postura o que a antropologia chamou de causalidade mágica, ao estudar a mentalidade primitiva. O que para a mentalidade lógico-racional é causa natural, para o pensamento mágico – no caso, para o pentecostal – é um instrumento utilizado pelo demônio para fazer suas maldades. As coisas naturais tem sempre uma causa sobrenatural que fornece a chave original de sua compreensão mais radical, de forma que a origem das doenças está quase sempre associada à vida pecaminosa da pessoa, ou à religião falsa que ela pratica, ou então a rituais malignos praticados por terceiros, feiticeiros e bruxos.¹⁶

Na mentalidade mágica iurdiana a razão do mal entrar na vida das pessoas é a inveja, o olho grande dos outros sobre as pessoas e, sobretudo, as entidades das religiões afro, que atuam na vida das pessoas ou por terem recebido um despacho (galinha, bode, sangue, sacrifícios na mata) ou por as pessoas terem, ainda que sem querer entrado em contato com elas:

O pastor pede a atenção para o que ele vai ler, lê no livro de Jó um trecho quando Satanás fere a Jó da planta dos pés até o alto da cabeça. A partir daí ele argumenta que o mal entra a partir dos pés (...) e o pastor argumenta isso lembrando que as mães dizem aos filhos para calçarem os pés, para assim evitar o mal. “Não é, gente?” O povo concorda. O pastor diz que estava um dia de carro quando passou por ele um carro zero e parou numa encruzilhada, desceu uma mulher bem vestida e preparou um despacho ali. “Eles” fazem isso, conforme o pastor, para alguém que passa por aquele caminho, para que quando tiver passando por ali o mal atacar. O pastor pergunta quem já foi no terreiro, uma boa parte do povo levanta a mão, o pastor diz que não precisa ter sido numa festa não, que basta ter ido, então alguns outros levantam a mão. Segundo o pastor, só por ele estar falando isso o mal já começou a ser queimado na vida de muita gente. O pastor então afirma que só da pessoa colocar o pé no terreiro o mal já começou a atuar na vida, ele já entrou porque ele entra pelos pés, o mal vem de baixo. (...) O pastor dirigente diz, então, que por causa disso vai ungi os pés de todo

¹⁶ PASSOS, 2005, p. 77

participante para que fiquem com os pés protegidos.¹⁷

Em outra reunião (11/04/2011), o pastor dirigente da mesma anunciava que não é bom ir à igreja na sexta-feira e não dar uma oferta, porque na sexta-feira há muita gente oferecendo ‘despacho’. Assim, todas as pessoas estão completamente suscetíveis aos assaltos do mal, por isso devendo procurar na igreja segurança. As propaladas Sessões do Descarrego constituem-se, então, num ritual oferecido para ‘desamarrar’ o mal. Na Catedral da Fé, a Sessão do Descarrego acontece às terças-feiras. Durante minha pesquisa de campo, pude notar que não só nas sessões de descarrego, mas em praticamente toda reunião da IURD há essa prática, na qual os pastores gastam boa parte do tempo das reuniões. Aliás, a ‘libertação’¹⁸, segundo Macedo, é o primeiro e mais urgente objetivo da igreja:

Somos um pronto-socorro. Quando alguém sofre um acidente grave, não há tempo para assepsia. É preciso primeiro salvar o paciente. Não há tempo para limpar os ferimentos. Só depois dos primeiros socorros, da operação, do tratamento de emergência. Na igreja é assim: precisamos primeiro libertar as pessoas para depois ensiná-lhes a Bíblia.¹⁹

Um pastor da Universal explicou o ritual assim: “Em nome do Senhor, expulsamos o mal pela fé das pessoas. Só é possível para aquele que crê. A força está dentro de cada um”²⁰. Essa força poderíamos chamar, como fez Marcel Mauss, de mana. Se o ritual

¹⁷ Diário de Campo, 18/02/2011

¹⁸ Em uma nota de seu artigo, Oro (2005, p. 140) alega certa ambiguidade no termo ‘libertar’ e cita Lehman, segundo o qual o termo poderia significar “libertar os indivíduos dos diabos que os possuem mas também libertar o mau espírito que está dentro do indivíduo cujo corpo em certo sentido o aprisiona”. Porém, entendendo o termo libertar dentro de certa tradição cristã, não vemos a possibilidade de entender o termo nos dois sentidos, mas apenas no primeiro. O segundo sentido só poderia existir a nosso ver dentro da perspectiva espírita kardecista. Ainda mais, durante os rituais iurdianos, os ‘espíritos’ são obrigados a ficar de joelhos, a ficarem ‘presos’ com as mãos para trás, e durante gritos de ‘queima, queima’ da platéia parecem realmente sentirem-se atacados; por tudo isso, não temos como entender esse ato como positivo ao ‘espírito’ no sentido dele estar sendo liberto, ao contrário, é um ato de violência contra ele.

¹⁹ *O Bispo*, 2007, p. 109

²⁰ apud LEITÃO, 2009, p. 3

tem algum poder é porque os fiéis concedem esse poder a ele. Na verdade, os fiéis são convidados a participar do exorcismo gritando “Sai! Sai! Sai!”, erguendo as mãos, batendo os pés no chão. Se existe uma violência fundamental ao ser humano essa é descarrega aí contra o diabo. Assim, a violência se justifica porque o objeto contra o qual ela se volta a merece. Ou seja, toda fúria e frustração que as pessoas carregam encontra um objeto para o qual elas são canalizadas.

Ao demônio e suas hostes contrapõe-se o Espírito Santo. É pelo poder dele que o exorcismo pode ser feito, e mais do que isso, a verdadeira libertação só é possível e se concretiza quando se recebe o Espírito Santo. A IURD tem vivido um tempo litúrgico em que tem enfatizado a pessoa do Espírito Santo:

Como anuncia a Folha Universal e como se mencionou nas reuniões anteriores, a IURD vive a campanha pelo Espírito Santo. São dez dias dedicados a essa busca. A Catedral da fé foi especificamente ornamentada para esse tempo. Cortinas brancas e douradas se espalham pelo interior do templo e também pendem do teto. Nas cortinas douradas foi feita uma pintura lembrando o cenáculo onde ocorreu o derramamento do Espírito Santo. Na verdade, durante a reunião o pastor várias vezes se referiu a Catedral como se fosse o Cenáculo, ou seja, é como se pelo ritual eles revivessem a hierofania fundante. Na frente, dois enormes banners com a foto do cenáculo e uma pomba, representando o Espírito Santo. Sobre o altar o mimetismo de uma fogueira, feito com pedras de mármore. A reunião começou às 7:10. “Vem Espírito de Vida, e renova meu viver”. Após o cântico o pastor desce do altar. “Bom dia, gente”. Considera que não é costume, mas vai pedir a oferta logo no começo. Salienta que quem quiser fazer o compromisso para trazer a oferta da campanha pode ainda pegar o envelope. Como sempre quem der mais de dez reais leva o chaveiro, ofertas menores o jornal. O pastor compartilha testemunhos desse tempo de busca do Espírito Santo. *Enfatiza mais de uma vez que uma pessoa só pode se considerar liberta se ela receber o Espírito Santo.* Uma senhora estava orando com o bispo Macedo pelo rádio ao meio-dia. Essa senhora tinha uma perna inchada que a impedia de vim para igreja. Mas ali naquela oração, ela se levantou e segurou no hack e pediu a Deus que ele desse a

ela o Espírito Santo. O Espírito Santo desceu sobre ela e aí ela sentiu uma alegria muito grande, uma vontade de dançar, de correr, algo que nunca tinha sentido nesse tempo todo de igreja, e a perna no mesmo instante desinchou. Uma senhora, o marido dela que deu o testemunho, vivia brigando com o marido, mas depois que ela recebeu o batismo com o Espírito Santo, a vida deles foi outra, é como se estivessem no paraíso. Já um senhor, na reunião da terça-feira, que é a do descarrego, mas “que não foi essa semana porque estamos vivendo o tempo do Espírito Santo”. Esse senhor ali junto do altar começou a pedir o Espírito Santo, a se “revoltar”, dizendo que não aceitava não ter sido batizado ainda. Aí ele sentiu aquele calafrio no corpo todo, no mesmo instante ele sentiu vontade de ir ao banheiro, aí quando ele foi urinar, a pedra que ele tinha nos rins saiu²¹.

Em uma das reuniões ao subir ao altar uma senhora manifestada, a mulher do meu lado comentava “toda vez essa mulher manifesta”, “já passou até na televisão”, ao que a do lado respondia, “mas isso é porque ela está dando lugar” (22/02/2011). Noutra reunião (7/04/2011) o pastor dizia que ficava triste quando via gente há muito tempo na igreja, 10 anos, e com a vida ainda toda amarrada, que com tanto tempo na igreja, ainda manifesta; discurso semelhante é o do pastor responsável pelo jejum das Causas Impossíveis (20/01/2011), pastor César, “uma mulher que conversou com ele e que tinha oito anos de igreja e não saía do canto (...) Que oito anos ele tinha de igreja, mas que chegou ali viciado e acabado mas a vida dele agora era outra”. Como podemos depreender, o exorcismo não equivale a libertação, pois a pessoa ainda que tendo passado pelo ritual de exorcismo, continua sujeita a novos ataques do diabo. Há uma tensão interna na igreja quanto àqueles que não recebem as promessas que ela faz. A solução é colocar a culpa no próprio fiel e não no ritual: ele não foi liberto porque não perseverou, porque não teve fé. Outra solução é adiar a completude do cumprimento da promessa: só com o batismo no Espírito Santo a pessoa está completamente liberta, pois sobre esses que recebem o Espírito Santo o diabo não tem mais poder. Esse pensamento parece semelhante a lei da física segundo a qual dois corpos não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo: quando o Espírito Santo chega o mal tem que sair. Na verdade, o fato de uma pessoa manifestar mais de uma vez gera certa frustração na pessoa que já teria se sentido

²¹ Diário de Campo. 15/04/2011

liberta e também suspeita de outros participantes sobre a veracidade do ritual, o batismo no Espírito Santo, então, é o elemento que faltava para logicidade do exorcismo iurdiano.

4. Possessas e bruxas

A maioria dos casos de possessão que presenciamos é de mulheres. Somente vimos um homem cair possesso (18/02/2011), com vários trejeitos femininos (rebola e alisa o cabelo) e voz fina, alegando estar possuído por ‘uma’ pombagira. Ou seja, uma entidade feminina. Assim, nos surge a pergunta de se estariam ligados de alguma forma o feminino e o demoníaco. Valdelice dos Santos observara que no livro best seller de Macedo, ‘Orixás, Caboclos e Guias’, a maior parte dos casos que Macedo cita é de mulheres. No livro, Macedo cita 20 casos de mulheres endemoninhadas contra apenas 6 casos de homens possessos²². Assim, o bispo retrata a mulher como vítima fácil do demônio. A pomba-gira maria molambo seria ainda, conforme Macedo, a responsável por muitos problemas de saúde das mulheres, como câncer de útero e de ovários, além disso, pomba-gira seria responsável pelos casos de homossexualismo, lesbianismo e frigidez sexual²³. Ao atribuir, porém, os problemas das mulheres a uma entidade feminina, Macedo não estaria supondo algo de corruptível na própria feminilidade? É frequente na Catedral da Fé o exorcismo da pomba-gira e referências a ela feitas pelos pastores:

Os pastores oram e impõe as mãos sobre a cabeça de alguns. Muita gente chora. Algumas mulheres se manifestam. O pastor ataca pombagira dizendo que é ela que está estragando o casamento, afastando o marido. Para o pastor pombagira é a culpada do homossexualismo do filho de algumas daquelas senhoras. (...) Uma mulher que se manifesta fica ‘amarrada’ no altar. O pastor avisa que nem quer perder tempo com o diabo e se dirige para a possessa. As mulheres sentadas ao meu lado comentam que toda vez essa mulher manifesta, que já passou mais de uma vez na televisão. Uma delas considera que isso significa que ela está

²² Interessante que nos relatos dos Evangelhos a proporção é diferente: a maioria dos casos é de homens, sendo o caso de Maria Madalena, de quem o Senhor expelira sete demônios, e o da filha da mulher cananeia que estava ‘miseravelmente endemoninhada’, os únicos casos de mulheres mencionados. (cf. Lucas 8,2 e Mateus 15,21-28).

²³ MACEDO, 2000, p. 25 e 47

dando brecha e que não está vigiando. O pastor pergunta quem está ali. ‘Pombagira’²⁴ é a resposta. A suposta pombagira estaria acabando com a vida dela, deixando ela com depressão porque o marido dela não quer saber mais dela. Com a ajuda do auditório que bate o pé pisando na cabeça do diabo, o pastor realiza o exorcismo.²⁵

Também no episódio da ‘Caça às Bruxas’ a maioria era de mulheres: “Numa média, 25% das vítimas foram homens, assim sendo 75% das mulheres, mas a proporção entre homens e mulheres condenados podia variar consideravelmente de um local para o outro. Mulheres estiveram mais presentes que os homens também enquanto denunciante e não apenas como vítimas”²⁶. Assim, a mulher pode aparecer frequentemente tanto como agente do demônio como vítima dele. Foucault²⁷ definiu a diferença entre a feiticeira e a possuída, a primeira possui controle sobre o próprio corpo, já a segunda:

[...] E o que é a possuída (a do século XVI e, sobretudo, do século XVII e XVIII)? Não é, em absoluto, a que é denunciada por outrem, é a que confessa, é a que se confessa, que se confessa espontaneamente [...]. A possuída é aquela que resiste ao Diabo, no mesmo momento que é o receptáculo do Diabo. pois a possuída deixa de agir por conta própria e passa a ser movida pelo Diabo: não é ela quem age, suas palavras e seus atos são do próprio Diabo.

Mais à frente Foucault²⁸ considera o corpo da mulher como o grande campo de batalha:

É um corpo dos investimentos e contra investimentos. No fundo é um corpo fortaleza [...] corpo-batalha: batalha entre o demônio e a possuída que resiste; [...] batalha entre os

²⁴ Um texto interessante sobre a possessão pelo ‘espírito’ Pomba-Gira e a imagem feminina é o artigo de Márcia Contins, publicado no livro *‘Dinâmicas Contemporâneas do Fenômeno Religioso na Sociedade Brasileira*, organizado por Edlaine Gomes, publicado pela Ideias & Letras, 2009.

²⁵ Diário de Campo, 22/02/2011

²⁶ WIKIPEDIA

²⁷ 2000, p. 260

²⁸ 2000, p. 268

demônios, os exorcistas, os diretores e a possuída [...]. É tudo isso que constitui o teatro somático da possessão.

Para Jean Delumeau²⁹, “A atitude masculina em relação ao “segundo sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão”. Ao lado do judeu a mulher foi nos primeiros dias da Idade Moderna vista como agente do Diabo. Não só nos tribunais religiosos a mulher foi vista como aliada do demônio, mas mesmo nos tribunais leigos, chegando estes mesmo a serem mais severos que aqueles³⁰. Delumeau³¹ lembra que Freud entendia essa repulsa masculina à mulher a partir de complexo de castração. Podemos conjecturar que a aura de mistério que envolve o feminino por ser ele, de certa forma, o doador de vida (a maternidade) é causa desse espanto, o próprio modo de ser feminino liga a mulher mais à Natureza e às emoções, o elemento materno representa a natureza e o elemento paterno a história (...) Porque mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas (...) Essa ambiguidade fundamental da mulher que dá a vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos (...) Não é por acaso que em muitas civilizações os cuidados dos mortos e os rituais funerários cabem às mulheres³².

A mulher tem um ‘quê’ estranho que a tornaria mais suscetível ao demoníaco³³. Mas vemos também na demonização da homossexualidade a demonização do feminino. Dissemos acima que presenciámos apenas um homem ser possesso durante nossa pesquisa (18/02/2011). Esse, no entanto, foi possesso por uma

²⁹ 2009, p. 462

³⁰ WIKIPEDIA

³¹ 2009, p. 463

³² DELUMEAU, 2009, p. 463-465

³³ Vale lembrar aqui que segundo uma antiga lenda judaica a primeira mulher de Adão, Lilith, recusara-se a permitir que ele deitasse por sobre ela, alegando que tendo vindo do pó da terra como ele, não lhe era inferior. Deus, porém, entendeu que ela se insurgia contra a ordem natural das coisas. Lilith abandona o Jardim do Éden, torna-se o demônio da luxúria. Deus, então, providencia uma segunda esposa para Adão, Eva, a mãe de todos os viventes. Ou seja, de longo tempo existe a demonização do feminino, um “medo que ele [o homem] sentiu do outro sexo (...) Um medo cujo estudo por muito tempo se negligenciou e que a própria psicanálise subestimou até época recente” (DELUMEAU, 2009, 463). Também no mito de Eva, como no mito grego de Pandora, a mulher, tentada, é responsável pelo surgimento do mal.

entidade feminina, que estaria ali porque foi mandada por um homem que era apaixonado por ele³⁴. Ao incorporar, o homem assumiu gestos femininos, e respondendo a tradicional pergunta ‘quem está aí?’, respondeu com mão na cintura, numa atitude feminil, e risadas de deboche, “Pomba Gira Padilha”. Assim, homossexualidade³⁵ corresponde a feminilização, e não tem origem por opção ou por questões sociais, a origem é demoníaca. O que achamos é que, de certa forma, o prática ritualística da IURD não demoniza, como dissemos, apenas as religiões afro, mas o feminino também termina sendo demonizado.

Considerações finais

Não é novidade a intolerância no cenário religioso brasileiro ou mesmo mundial. Basta lembrar do ‘Caça às Bruxas’. Na verdade, não decidiu a IURD aleatoriamente que Exu³⁶ é o diabo. No Brasil, solo do cristão-católico, desde a chegada dos africanos como escravos suas religiões foram identificadas como pertencendo ao diabo. Portanto, o discurso contra religiões afro de Edir Macedo e sua igreja tem sido uma constante na história brasileira. Maria Clara Nery³⁷ afirma que “A intolerância religiosa, não se constitui, explícita ou implicitamente numa modificação das relações estabelecidas no campo religioso”. De fato, não foi a IURD a primeira a dizer que Exu é o Diabo, ou seja a IURD não está na origem do discurso, mas tem se apropriado desse discurso na impossibilidade “de anular no espaço do campo religioso, o poder exercido no imaginário coletivo pelas entidades espirituais afro”³⁸, assim, o que presenciamos, “é o reavivar desta intolerância religiosa no confronto entre

³⁴ Assim, parece ser um caso de homossexualidade egodistônica e a possessão seria uma defesa do ego.

³⁵ Sabemos que Macedo afirmou que não via nada de mal na homossexualidade, mas, ele se contradiz ao dizer que ficaria muito decepcionado se um filho dele fosse ‘gay’. Essa atitude de Macedo parece objetivar o ser ‘politicamente correto’, querendo dar à instituição um aspecto de moderna e atualizada. Vimos numa Sessão do Descarrego (22/002/2011) o pastor dirigente dizer claramente que Pomba-Gira era a culpada da homossexualidade dos filhos de algumas daquelas senhoras presentes.

³⁶ Divindade do panteão africano, seria o responsável pela intermediação entre os seres humanos e os deuses. De acordo com Olga Cacciatore em ‘Dicionário dos Cultos Afro-Brasileiros’, “Exu é o elemento dinâmico de tudo que existe e o princípio da comunicação e expansão; igualmente é o princípio da vida individual”.

³⁷ 1997, p. 80

³⁸ NERY, 1997, p. 80

neopentecostais e afro-brasileiros, confronto este principalmente deflagrado pela IURD”³⁹.

Ari Oro definiu demonização como “um recurso simbólico posto em prática por religiões que competem entre si para arregimentar fiéis e para se impor legitimamente”⁴⁰. Enquanto procedimento discursivo, Celi Pinto vê a demonização como estratégia de “esvaziamento do significado do discurso do outro”⁴¹. Ricardo Mariano tem defendido que a intolerância religiosa iurdiana para com religiões afro, “ocorrem por estas serem as maiores concorrentes da IURD no mercado de soluções simbólicas e de prestação de serviços religiosos”⁴². Interessante notar que Macedo dedica seu livro “a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, considera que todos eles mais que qualquer pessoa, merece e precisam de esclarecimento”⁴³. Assim, mostra-se a face amorosa da intolerância, que se reconhece o seu oponente como merecedor, classifica-o também como ignorante, *precisam de esclarecimento*.

Assim, parece que a humanidade ainda precisa de bruxas, é preciso eleger um bode expiatório. Começamos fazendo referência a alguns filmes para mostrar como ‘o diabo é pop’. Num desses, O Exorcista, vemos a angústia de uma mãe ao ver sua filha passar por vários exames sem que nenhuma doença seja diagnosticada. A conclusão a que ela chega, no contexto do filme, parece óbvia: é uma possessão. Uma grande angústia do doente é não saber o seu diagnóstico, não saber contra o que luta. É necessário ‘dar um nome aos bois’, lembrando que em tempos antigos conhecer o nome de alguém equivalia a ter algum domínio sobre a pessoa⁴⁴. A IURD faz isso estabelecendo as religiões de matriz africana como o demoníaco, as bruxas de nosso tempo. As fogueiras não foram acesas e nenhuma bruxa foi queimada, mas sabe-se que têm ocorrido invasões de terreiros e perseguição a líderes das religiões afro na Bahia e no Rio de Janeiro⁴⁵. Em nenhum momento Edir Macedo incita à agressão física, mas é possível que alguns sintam-se sugestionados a isso devido ao tom violento do texto:

Amigo leitor, comece hoje mesmo a exercer a autoridade que Jesus lhe confere. Não abra mão de seus direitos; não deixe de lado o que o Senhor lhe

³⁹ NERY, 1997, p. 80

⁴⁰ apud NERY, 1997, p. 81

⁴¹ apud NERY, 1997, p. 81

⁴² 1999, p. 110

⁴³ MACEDO, 2000, p. 10

⁴⁴ nota da BEG, p. 55

⁴⁵ FERRARI, 2007, p. 111

concedeu; agarre-se com unhas e dentes às bênçãos de Jesus e *pise na cabeça dos exus* e CIA Ilimitada!⁴⁶

Para Oro, “Nos primeiros anos da igreja os vilipêndios eram declarados e diretos(...) Se as declarações diretas tenderam a diminuir na mídia iurdiana, em razão de pressões, elas continuam nos templos mediante o ritual performático do exorcismo” (2005, p. 141). Em programas de televisão que temos assistido notamos o uso do termo mais genérico ‘encosto’, na Catedral que são citados os nomes dos vários orixás e entidades. A Constituição Brasileira garante os direitos de liberdade de culto e é contra o preconceito. A IURD lembrou disso durante a prisão do seu líder maior, mas parece que se esqueceu. Em todo caso, até agora, nenhuma fogueira foi acesa...

Referências

- ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA*. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BRAGA, João Ximenes. O Diabo é Pop. In: *O GLOBO*, 03/01/2001, segundo caderno p 1 e 3.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DIAS, Júlio César Tavares. *Diário de Campo*. 2010/2011.
- FERRARI, Odêmio Antonio. *BISPO S/A - A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. São Paulo: Ave Maria, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- LEITÃO, Sílvia. Reinvenções do Sagrado: Evangélicos. In: *Folha de Pernambuco*, 18/10/2009. Caderno Grande Recife, p. 1-3.
- MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Editora Universal, 2000.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- NERY, Maria Clara Ramos. Demonização: A intolerância reavivada. *Debates do NER*. Porto Alegre, ano 1, novembro de 1997. pp. 80-85.

⁴⁶ MACEDO, 2000, p. 129, grifo nosso

ORO, Ari Pedro. A Demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus. *Debates do NER*. Porto Alegre, Ano 6, n. 7, jan/jun 2005. pp. 135-146.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEREIRA, José Carlos. A Magia nas intermitências da Religião. Delineamentos sobre a magia em Marcel Maus. *Revista Nures n^o 5* – Janeiro/Abril 2007 – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures>. Acesso em: 25/02/2011.

TAVOLARO, Douglas; LEMOS, Cristina. *O Bispo – A história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse, 2007. Disponível em: www.4shared.com

Sites da Internet Consultados:

<http://www.estadao.com.br>

<http://www.pulpitocristao.com>

<http://iurdafogadosrecifepe.blogspot.com>

<http://folha.arcauniversal.com.br>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ca%C3%A7a_%C3%A0s_bruças